

## Foucault e a "nova história"

Jacques LeGoff\*\*

Tradução de Dirceu Franco Ferreira\*\*\* e Mauricio Aparecido Pelegrini\*\*\*\*

\* Conferência proferida por ocasião do colóquio *L'histoire au risque de Foucault*, organizado em outubro de 1995 pelo Centre Georges Pompidou em conjunto com o Centre Michel Foucault. Publicado originalmente com o título *Foucault et la "nouvelle histoire"*. *Au risque de Foucault*. Paris: Centre Georges Pompidou/ Centre Michel Foucault, 1997, p. 129-39.

\*\* Historiador, diretor de estudos do *École des Hautes Études en Sciences Sociales*.

\*\*\* Historiador pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

\*\*\*\* Aluno de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

'REVEL, Jacques. *Machines, stratégies, conduites: ce qu'entendent les historiens*. *Au risque de Foucault*, cit., p. 109-28. (N.T.)

**Resumo:** Nesta conferência, Jacques LeGoff aborda o interesse de Foucault pela chamada "nova história" no decênio 1965-1974, época de publicação de *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*. Recorre ainda à sua memória pessoal para mostrar as relações recíprocas entre Foucault e o grupo dos *Annales*. Para ambos, é fundamental o conceito de genealogia, ou seja, de uma investigação histórica que parta do presente, idéia já contida no ataque de Marc Bloch ao conceito de origem. A nova história define-se também pela escolha de novos objetos, ignorados até então pela história tradicional. Nessa perspectiva, a história das mentalidades é vista criticamente como resposta à história tradicional das idéias. Abordam-se, ainda, brevemente, os conceitos de longa duração, história global e história total. Para LeGoff, Foucault, apesar de não ser propriamente historiador, manteve um grande interesse pelas inovações na pesquisa histórica, e deixa aos historiadores uma importante lição: a da inquietude. [DFF e MAP]

**Palavras-chave:** Foucault, nova história, *Annales*, genealogia, história das mentalidades, história das idéias, filosofia da história, descontinuidades.

Minha exposição situa-se na perspectiva da exposição de Jacques Revel<sup>1</sup>. Eu fiquei muito contente ao ouvi-lo dizer e lembrar que o pensamento de Foucault não foi um todo imóvel, sem evolução ou mesmo contradição, e ele insistiu, para empregar uma palavra cara a Foucault, acerca das descontinuidades do pensamento e da obra de Foucault. Eu escolhi, para algumas observações bem limitadas, um momento bastante curto,

apresentando uma certa coerência na obra de Foucault. É provavelmente o período durante o qual seu interesse pelos historiadores da nova história foi o mais vivo. É o período compreendido entre 1965 e 1973-1974, marcado pela aparição de *As palavras e as coisas* e de *A arqueologia do saber*, que são textos de referência. Deixo de lado suas obras históricas e as polêmicas acerca do tema "era ele historiador ou filósofo?" Ele era, a meu ver, os dois ao mesmo tempo, o que é raro. Este é o momento em que se pode situar, sob o signo do primeiro emblema tomado ontem por Jacques Revel, *A arqueologia*. Eu não levo em conta nem *História da loucura*, nem *O nascimento da clínica*, nem *História da sexualidade* antes e depois, nem mesmo as iluminações que se pode encontrar nos *Ditos e escritos*. Assim também, deixo de lado a noção foucaultiana de arquivo.

A questão que me coloco é: durante esse pequeno decênio, qual a História acerca da qual refletiu Foucault? É preciso dizer, de início, que Foucault não escapa de modo absolutamente claro, me parece, de um equívoco - que me constrange sempre, não somente na minha reflexão e no meu trabalho pessoal, mas na leitura dos melhores autores - entre a história com "h" minúsculo, a história dos historiadores, isto que Foucault chama o campo metodológico da história, e a História com "H" maiúsculo, a evolução das sociedades humanas que o historiador busca dominar como objeto de uma disciplina, de um saber. Creio eu que essa dificuldade de vocabulário reflete as dificuldades do pensamento da História em francês.

Jacques Revel disse ontem para *A arqueologia do saber*, sem ter tempo de desenvolver, que aí se encontra tudo e seu contrário. Não creio que seja completamente verdadeiro, ainda que aparentemente haja isto. Penso que existia um pouco de perversidade em Foucault, e que essas contradições vêm muito mais de um movimento de divertimento com relação ao seu leitor que de um pensamento que seria em si mesmo contraditório. Dito isto, me parece que, freqüentemente, Foucault pensa e escreve um pouco como fazem certas tricoteiras: uma malha ao direito, uma malha ao avesso. Isto pode dar essa impressão de complexidade, de irreal e às vezes de contradições, que, acredito, muito mais aparentes que reais. Nesse período, o que interessa a Foucault é o lugar da história entre as

ciências humanas, pois o campo que ele observa é o das ciências humanas, e é no meio das ciências humanas que ele observa a história. Eu não sei qual conclusão pode-se tirar disto, mas notemos que ele não emprega, me parece, jamais, em todo caso nos seus livros e durante esse período, a expressão "ciências sociais". Ora, é uma expressão que era importante para nós. Nós dizíamos mais espontaneamente a história, ciência social, que a história, ciência humana. Havia ali questões que não eram somente questões intelectuais, mas questões institucionais. Eu me lembro muito bem que durante esse período - fim dos anos 60 e início dos anos 70 -, no CNRS, o fato que a história estivesse alinhada entre as ciências humanas ou entre as ciências sociais a conduzia num meio científico diferente, com recursos e meios de financiamento diferentes, alianças diferentes. De um lado, ela estava com as humanidades, de outro, ela estava com as ciências propriamente ditas sociais. Era a economia, a sociologia, a etnologia, um setor que progredia em todos os aspectos, compreendidos aí do ponto de vista dos financiamentos. Em consequência, se havia de início razões intelectuais para nos fazer desejar que a história estivesse alinhada entre as ciências sociais, havia também essas razões de oportunidade.

A história como ciência humana para Foucault não é somente uma ciência humana específica, mas, e isto confere a ela um caráter à parte entre as ciências humanas, ela ultrapassa seu próprio domínio, sua grande região. Para começar, em relação às outras ciências humanas, ela possui - se isto é uma vantagem, é também um perigo, como o sublinha Foucault - a vantagem da anterioridade. É verdade que a história existiu bem antes da constituição das ciências humanas. Ela vem das bases antigas do pensamento grego, ela exerceu uma influência importante na cultura ocidental e, para Foucault, era muito importante que os intelectuais e os homens de profissão, historiadores ou filósofos, levassem em conta que na maior parte do tempo eles pensavam, escreviam e trabalhavam no interior de um tipo de cultura, e que havia aí ao mesmo tempo uma especificidade, um enriquecimento, mas também uma limitação. Este é, aliás, um dos aspectos que o interessou nos historiadores da nova história: seus esforços para sair do etnocentrismo e do pensamento puramente

ocidental. Mas ele dizia não ser capaz ele mesmo de verdadeiramente conduzir esse esforço.

Existe, portanto, um certo número de funções majoritárias tocantes à história na cultura ocidental: memória, mito, transmissão da palavra e do exemplo etc. O que ainda me deixa insatisfeito nos trabalhos de Foucault e talvez de maneira geral na sua obra - talvez eu seja um mau leitor - é que Foucault não buscou analisar bem as relações entre memória e história. Arlette Farge disse ontem<sup>2</sup> que o essencial reside na diferença entre testemunho e história, entre fala e discurso. Foucault era consciente disto, mas confesso que desejaria um tratamento mais aprofundado desse problema, que me parece adquirir mais e mais importância, não somente na história entre as ciências sociais, mas igualmente na vida social *tout court*.

No entanto, a história possui, com as ciências sociais, uma relação bem particular, que Foucault - nós estamos aqui em *As palavras e as coisas* - definiu de dois modos diferentes. Primeiramente, de um modo quase afetivo, fazendo apelo ao inconsciente, ele deixa entender que talvez a história não possua seu lugar entre as ciências humanas, nem ao lado delas, mas que a encontramos inevitavelmente e inseparavelmente misturada a elas e as investindo, quase integrada, desfeita no interior delas mesmas. Foucault diz: "é provável que entretenha com elas uma relação estranha, indefinida, indelével e mais fundamental do que o seria uma relação de vizinhança num espaço comum".<sup>3</sup> Em seguida, de modo mais preciso, ele acrescenta:

*[...] a história forma, pois, para as ciências humanas, uma esfera de acolhimento ao mesmo tempo privilegiada e perigosa. A cada ciência do homem ela dá um fundo básico que a estabelece, lhe fixa um solo e como que uma pátria: ela determina a área cultural - o episódio cronológico, a inserção geográfica - onde se pode reconhecer, para este saber, sua validade; cerca-as, porém, com uma fronteira que as limita e, logo de início, arruína sua pretensão de valerem no elemento da universalidade.<sup>4</sup>*

Este é um belo texto que define de modo ao mesmo tempo muito profundo e muito pragmático a relação entre a história e as ciências sociais.

Foucault e a "nova história"  
Jacques LeGoff

---

<sup>2</sup> FARGE, Arlette. L'instance de l'événement. *Au risque de Foucault*, cit., p. 19-29. (N.T.)

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *Les mots et les choses*. Paris: Gallimard, 1966, p. 378. [*As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 384; nova edição, 2001, p. 508.]

<sup>4</sup> Idem, p. 382. [Idem, p. 388 e 514.]

Nesses textos, Foucault também esboça uma história da história, problemática que o interessava. Ele gostava nos historiadores da "nova história", entre outros, desse desejo de substituir a historiografia tradicional por uma história da história que estaria sujeita, como o conjunto do campo histórico, a rupturas, a descontinuidades, e não a este majestoso avanço da historiografia tradicional que se vê tornar-se mais e mais "científica" e precisa. Não me alongarei acerca do historicismo que ele evoca, ainda que seja um assunto importante, mas tenho a impressão que aí talvez houvesse o signo de um mal-entendido entre Foucault e os historiadores. Parece-me que o historicismo do qual fala Foucault não é exatamente a corrente histórica surgida essencialmente de historiadores alemães da segunda metade do século XIX e início do século XX, à qual os historiadores dão o nome de historicismo. Não é aqui o lugar de tentar precisar as diferenças entre o pensamento de Foucault e a definição tradicional de historicismo. Mas, a propósito do historicismo, Foucault emprega várias vezes, como sendo uma das características desse movimento, o termo, em geral no plural, "positividades". É uma corrente que se interessa pelas positividades. É para Foucault uma corrente que coloca o acento sobre as "positividades". Essa concepção era interessante e útil para nós nos *Annales*, onde éramos então, sobretudo, os herdeiros de Marc Bloch e de Lucien Febvre. Ora, nós adorávamos nomear esse modo de fazer a história, contra a qual os *Annales* se haviam elevado, como "história positivista". Aliás, esse termo nos foi reprovado, compreendendo aí pessoas que não possuíam, particularmente, hostilidades para conosco. Creio que tivemos em Foucault um aliado que mostrou o quanto estávamos fundamentados ao empregar o termo positivismo.

*Também aí, é preciso, sem dúvida, rever a maneira como se escreve tradicionalmente a história da História. Tem-se o hábito de dizer que, com o século XIX, cessou a pura crônica dos acontecimentos, a simples memória de um passado povoado somente de indivíduos e de acidentes, e que se buscaram as leis gerais do devir. De fato, nenhuma história foi mais explicativa, mais preocupada com leis gerais e com constantes que as da idade clássica - quando o mundo e o homem, num só movimento, se incorporavam numa História única.<sup>5</sup>*

---

<sup>5</sup> Idem, p. 381. [Idem, p. 387 e 512.]

Penso que essa apreciação da história anterior ao século XX, em particular daquela da idade clássica, é adequada e importante. Aliás, desde que preparava *História da loucura*, Foucault, leitor de obras da idade clássica, soube encontrar os autores, as idéias e os movimentos que mudaram completamente nosso conhecimento e nossa perspectiva do pensamento da idade clássica. Foucault, fazendo - eu diria quase cronologicamente - esse estudo da história da história, chega à sua época e a isto que ele mesmo chama de "história nova". O termo é empregado nas páginas 18 e 19 da introdução de *A arqueologia do saber*.<sup>6</sup> Mas Foucault não nomeia ninguém, nenhum historiador, nenhuma obra, não nomeia os *Annales*. Em quem ele pensa exatamente? É aqui que creio poder avançar um testemunho pessoal, com a reserva de que não ignoro - eu diria quase menos que qualquer um, como historiador - a fragilidade da memória, tanto mais por se tratar de lembranças que não anotei, mas nas quais pensei várias vezes, de forma que penso não ter deformado o pensamento de Foucault, mas que sem dúvida o empobreci me expressando numa língua e de acordo com um pensamento bem menos rico que aqueles de Foucault. Então, nos anos 60, lembro-me que Foucault me pediu para participar de uma série de emissões de rádio - antes dos *Lundis de L'Histoire* - cujo tema era: "Uma história da dor". Lembro-me de ter tido com ele uma discussão em que me disse: "Você sabe que, no fundo, a história pela qual me interesse é a sua". E ele prosseguiu: "É aquela dos *Annales*, aquela de Braudel, aquela de Emmanuel Leroy Ladurie, a sua". Dito isto, senti muito bem duas coisas. A primeira é que ele não colocava os *Annales* como um todo, pensando nos primeiros *Annales* como se faz habitualmente, em seguida Braudel, em seguida Leroy Ladurie e eu, que representávamos uma nova geração. Eu sentia - não colocava aí nenhuma valorização nem num sentido nem noutro - que ele fazia uma distinção, que isto não era a seus olhos completamente a mesma coisa. Contudo, ele considerava que esta era a maneira contemporânea e inovadora de fazer a história, que era a mais interessante e aquela que o permitia melhor refletir e pôr em ordem suas idéias. Aquilo não queria dizer que ele mesmo se sentia um historiador novo, nem que estimasse que nós possuíamos o monopólio da "boa" história. Eu não quero incorporar Foucault, e

---

<sup>6</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, p. 11. (N.T.)

ele sempre procurou guardar suas distâncias com relação a todos os movimentos históricos, compreendendo aí aqueles que, como o nosso, a ele pareciam melhores para pensar.

Para começar, o que o interessava no período dos primeiros *Annales*? Ele encontrou explicitamente aí duas noções, não nos *Annales* propriamente ditos, mas nisso que foi o seu complemento, o livro inacabado de Marc Bloch, publicado nessa época já há uma boa dezena de anos, *Apologie pour l'histoire ou Métier d'historien*.<sup>7</sup> Ele contém o vivo ataque de Marc Bloch contra o mito das origens. Ontem, Arlette Farge excelentemente nos lembrou o quanto essa busca das origens parecia a ele um erro epistemológico, uma perversão intelectual, que suscitava mesmo seus sarcasmos. Mas, dando à idéia da origem uma extensão e uma fecundidade ainda maiores, Foucault havia chegado, por meio dessa crítica da origem, a uma outra noção. Sem que a palavra existisse em Marc Bloch, mas a idéia ali estava, é a genealogia. Nesta exposição feita de lembranças e releituras, reencontro aqui uma das noções que foi muito esclarecedora para nós historiadores - essencialmente o grupo da sexta sessão e dos *Annales*. Pois o pensamento e a obra de Foucault foram para nós de enorme importância. Ele nos trouxe uma justificativa suplementar ao que nós havíamos apreendido de uma lição dos *Annales* e em particular de Marc Bloch: *partir do presente* para nossa reflexão, pois a genealogia parte do presente. Este é um procedimento histórico fundamental. A genealogia, segundo Foucault, desce, mas sobe de novo, e essa concepção está ligada à questão e à crítica das origens.

Depois veio Braudel. Nesse momento, o Braudel historiador era aquele do *La Méditerranée* - ainda que a obra datasse de uma quinzena de anos. O que fascinava Foucault eram todas essas descontinuidades que havia em *La Méditerranée* e, ao mesmo tempo, todos os componentes que aí entravam para a constituir em objeto histórico complexo, mas coerente, assim como uma maneira que lhe parecia nova de fazer história geográfica. Nesses textos, por várias vezes, Foucault indica o interesse que ele encontra na história veiculada pela geografia. O espaço, a terra, o solo, o mar..., tudo isto que traz a ele, pela *La Méditerranée* de Braudel, a geografia, traz a ele, mas modelada, a história. Esse estudo histórico era para ele uma autêntica obra-prima.

---

<sup>7</sup> BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. (N.T.)

Ele começava enfim a observar uma nova geração de historiadores com Emmanuel Leroy Ladurie e um pouco comigo. Perdoem-me por me citar, mas eu sei que o que o havia interessado era, notadamente, meu artigo "Temps de l'Église et temps du marchand"<sup>8</sup> e, em Emmanuel Leroy Ladurie, a história da climatologia.<sup>9</sup> Geografia histórica, tempo, clima, eram em suma objetos que, tratados pela história, davam o que pensar ao filósofo.

No entanto, ele estava interessado pelo que nós havíamos chamado, com Pierre Nora, os "novos objetos da história". Esses "novos objetos" lhe pareciam, por um lado, ir no sentido desse tremor de terra que ele desejava para fazer sacudir as estruturas da história tradicional e as quebrar e, por outro, fazer reentrar no campo histórico esses não-ditos da história tradicional. Ele reencontrava aí os temas que lhe eram essenciais: o corpo, o sexo, a morte, o medo... Ele não gostava de tudo no livro de Jean Delumeau, *La Peur en Occident* (1978), mas me disse que a contribuição de Jean Delumeau o interessava no quadro de uma história dos sentimentos, que o cativara desde sua série de emissões sobre a dor. Tenho uma lembrança verdadeiramente deslumbrada da maneira como ele concebia e esboçava, com, ao mesmo tempo, muita audácia e muita modéstia, essa *Histoire de la douleur*.

Em uma outra conversa, que data de 1973, pouco depois da aparição dos volumes de *Faire l'histoire*, que eu publiquei com Pierre Nora, ele falou do meu artigo sobre a história das mentalidades.<sup>10</sup> Não me lembro em que ocasião estávamos reunidos. Foucault evocou meu artigo no momento em que entrávamos juntos no carro. Foucault não me escondeu, a noção de mentalidade não o encantava. Por um lado, ela lhe parecia desprovida de dinamismo (ele se perguntava se simplesmente "comportamento" não seria melhor, apesar da sombra do behaviorismo) e, por outro, era um tipo de objeto no qual ele não encontrava grande interesse. Meu artigo era bastante crítico com relação à história das mentalidades, e assim eu não estava ofendido por essas observações. Estava, de todo modo, muito interessado. Ele estimava, entretanto, que isto também ia no sentido de um esforço que lhe era muito caro para abalar uma história vencida, tornada perigosamente falsificadora de realidades intelectuais e mentais. Ele escreveu páginas extremamente

Foucault e a "nova história"  
Jacques LeGoff

---

<sup>8</sup> LE GOFF, Jacques. Au Moyen Âge: temps de l'Église et temps du marchand. *Annales ESC*, 1960, p. 417-33. Repris in *Pour un autre Moyen Âge*, nouv. éd., Paris, 1991, p. 46-65. [LE GOFF, Jacques. Na Idade Média: tempo da Igreja e tempo do mercador. *Para um novo conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente*. Lisboa: Editorial Estampa, 1980.]

<sup>9</sup> LADURIE, Emmanuel Leroy. *Histoire du climat depuis l'an mil*. Paris, 1967.

<sup>10</sup> LE GOFF, Jacques. Les mentalités: une histoire ambiguë. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *Faire l'histoire*. t. III., *Nouveaux objets*, Paris, 1974, nouv. éd., 1986, p. 106-29. Ver também ARIÈS, Philippe. Les mentalités. In: LE GOFF, Jacques (Éd.). *La Nouvelle Histoire*. Paris, 1978, nouv. éd., Bruxelles, 1988, p. 167-90. [LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.]



---

<sup>11</sup> No original, "tarte à la crème". Segundo o *Le Petit Nouveau Robert* (1999), a expressão faz referência a uma fórmula vazia e pretensiosa, pela qual se pretende ter resposta para tudo. (N.T.)

<sup>12</sup> FOUCAULT, Michel *L'Archéologie du savoir*. Paris: Gallimard, 1969, p. 9. [*A arqueologia do saber*, cit., p. 3].

claras sobre a história das idéias. Em um momento, ele me disse, aliás com uma vaidade que era de fato uma modéstia sincera: "Talvez no fundo eu seja apenas um historiador das idéias", mas ele disse também que o que ele queria fazer era destruir a história tradicional das idéias. As mentalidades o interessavam como uma arma contra a história das idéias; esse era o lado perturbador, eu diria quase anárquico, que introduziam as mentalidades nesses tempos de irrupção um pouco impulsiva da história das mentalidades, que desde então se tornaram um lugar-comum.<sup>11</sup> Portanto, sobre as mentalidades, havia ao mesmo tempo essa distância e esse interesse.

Em *A arqueologia do saber*, quando ele começa a falar dessa história nova, em quem ele pensa verdadeiramente? Na introdução, ele diz:

*"Há dezenas de anos que a atenção dos historiadores se voltou [...]."*<sup>12</sup>

Dezenas de anos? Os primeiros *Annales*, sem dúvida. Esse texto data de 1969. Pode-se dizer que, desde 1929, aquilo fazia dezenas de anos. É provavelmente nisto que ele pensa, mas não somente. Creio que uma pesquisa permitiria perceber uma outra leitura e levar em consideração outros contornos da historiografia por Foucault.

Havia duas noções - das quais uma vinha de Febvre e de Bloch, e outra essencialmente de Braudel - que o interessavam e o inquietavam ao mesmo tempo. Era a noção de "longa duração" e a de "história global" ou de "história total". A noção de "longa duração" o interessava - ele disse -, mas essencialmente porque ela permitia, justamente, perceber melhor as descontinuidades, as rupturas, o folhear das diversas durações temporais. Eis aí alguma coisa à qual ele ainda estava muito sensível. Eu me lembro, e é a ele que devo por ter voltado a atenção sobre esse texto, que ele havia feito uma certa crítica da noção braudeliana de "longa duração", remontando a um texto de Marc Bloch em *L'Apologie pour l'histoire*, em que este dizia que a multiplicidade e a heterogeneidade dos tempos da história não se limitavam a esses três grandes ritmos que definia Braudel (Marc Bloch, evidentemente, não se referia ao artigo que

Braudel ainda não havia escrito, mas ele propunha, para a rejeitar, a hipótese de um número limitado de durações). Marc Bloch insistia, portanto, sobre o fato de que era alguma coisa muito mais complexa, múltipla. Em um parágrafo extremamente interessante, ele escrevia:

*O tempo humano há-de ser sempre rebelde tanto à implacável uniformidade como ao seccionamento rígido do tempo do relógio. Necessita de medidas adaptadas à variabilidade do seu ritmo e que aceitem por limites zonas marginais, sempre que a realidade o exija.*<sup>13</sup>

É um belo texto, que não foi suficientemente explorado depois de Marc Bloch e nem talvez agora, e era um texto que excitava Foucault.

Quanto à "história global", ele tinha medo de reencontrar aí a história compacta, homogênea, e mesmo teleológica da história tradicional. O que a ela se opunha - e não havíamos suficientemente refletido sobre a importância e o interesse dessa noção-projeto -, era a "história geral". Foucault diz:

*O problema que se apresenta - e que define a tarefa de uma história geral - é determinar que forma de relação pode ser legitimamente descrita entre essas diferentes séries; que sistemas verticais podem formar [isto me faz pensar que ele achava que as mentalidades eram uma noção muito horizontal], qual é, de umas às outras, o jogo das correlações e das dominâncias? De que efeito podem ser as defasagens, as temporalidades diferentes, as diversas permanências? Em que conjuntos distintos certos elementos podem figurar simultaneamente? Em resumo, não somente que séries, mas que séries de séries - ou, em outros termos, que quadros [há uma nota que explicita esse termo, um pouco desconcertante, de "quadros"] - é possível constituir? Uma descrição global cinge todos os fenômenos em torno de um centro único - princípio, significação, espírito, visão do mundo, forma de conjunto; uma história geral desdobraria, ao contrário, o espaço de uma dispersão.*<sup>14</sup>

Foucault e a "nova história"  
Jacques LeGoff

---

<sup>13</sup> BLOCH, Marc: *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, 1re rééd., 1949, nouv. éd., 1993, p. 185. [Introdução à história. Coleção Saber; Publicações Europa-América, 1974, pp. 162-163.]

<sup>14</sup> FOUCAULT, Michel. *L'Archeologie du savoir*, cit., p. 18-9. [*Arqueologia do saber*, cit., p. 11-2.]

Ele tinha medo, portanto, que a história global ou total fosse uma história que reunificasse, que coagulasse muito. Ele estava feliz de ver cair nas malhas das redes dos historiadores todos esses novos objetos que evoquei há pouco. Mas ele tinha medo que, retornando ao tradicional, o historiador da história total quisesse fazer de tudo que havia colocado no campo de sua pesquisa uma bela unidade, e não essa dispersão que ele observava, ao contrário, na história geral. Remeto à página, muito importante, sobre o aparato metodológico, que não tenho tempo de citar.<sup>15</sup> Há, na genealogia do saber histórico, a referência (são páginas que ainda hoje me parecem extremamente sugestivas) a esses iniciadores, esses pioneiros da história nova que não são historiadores, Marx e Nietzsche, e ele indica muito bem, me parece, qual leitura deformada e deformante de Marx e de Nietzsche impediu de ver e de explorar as sementes que elas continham.

Eu passei muito rapidamente sobre alguma coisa completamente capital para o historiador e para Foucault, que é a transformação do documento em monumento. Para falar a verdade, Foucault, generoso como era freqüentemente, a atribuía a nós. Ele diz que são os historiadores da nova história que profundamente modificaram a concepção metodológica da história, transformando o documento em monumento. Aqui também eu retomaria a mesma metáfora, passando da horizontalidade do documento à verticalidade do monumento. Para falar a verdade, me parece bem que, por ter vivido com meus amigos, meus colegas historiadores e mesmo meus mestres historiadores, foi Foucault quem soube expressar isto que nós havíamos feito de uma maneira mais pragmática, insuficientemente refletida e pensada, e sem ter a consciência dessa revolução, que lembra não somente a simples crítica do documento, mas isso que Derrida nomeará a desconstrução, a desconstrução do monumento definido por Foucault refletindo sobre nosso trabalho empírico. Mas a noção e o uso foucaultianos da noção de monumento são diferentes do princípio e da prática da desconstrução, mesmo se as duas noções denunciam a produção de documentos pelos poderes. Não possuímos mais com o documento a mesma relação que os historiadores tradicionais. Nisso, Foucault fez a teoria e nós operamos conjuntamente essa revolução, que me parece uma aquisição fundamental e durável.

---

<sup>15</sup> Idem, p. 19. [Idem, p. 12.]

Onde Foucault também nos deu confiança, foi na sua condenação de toda filosofia da história. Ele o fez no seu engajamento pessoal e no seu conselho aos historiadores de se engajar na construção de uma nova metodologia histórica apenas se esta não conduzisse a uma filosofia da história. Ele mostra como o historicismo, que se pretende uma história das positivities, de fato repousava sobre uma filosofia da história implícita.

Entretanto, a conclusão que vou propor a vocês, e na qual vos peço crer que não é retórica, é de fato um ponto de encontro entre Foucault e toda uma parte dos historiadores, mas também muitos filósofos e especialistas das ciências sociais. Saio aqui do período no qual me retive, quer dizer o decênio da metade dos anos 60 à metade dos anos 70, para nos transportar para outros livros de Michel Foucault, que são válidos para o presente e, em particular, para os historiadores.

O principal elogio que Foucault atribui aos historiadores da nova história, mesmo se ele pensa que foram Marx e Nietzsche que mostraram a via, é o fato de recusarem o futuro como *a priori*. Foucault pregou, buscou realizar ele mesmo uma história que não fosse uma história segura. Mas uma história perigosa e, sobretudo, inquieta. Diz-se hoje em dia que a história em geral - como muitas ciências sociais -, e em particular a história dos *Annales*, está em crise. Não o negarei e não vou fazer aqui a análise que experimentamos fazer na revista.<sup>16</sup> Mas eu diria que uma parte dessa crise me parece positiva, porque responde precisamente a essa necessidade de uma história inquieta, que nos parece corresponder, ao mesmo tempo, à situação epistemológica da história e, de maneira geral, ao questionamento atual da nossa cultura, do nosso pensamento e de nossa sociedade.

Não esperem de mim um discurso que eu recuso e que me horroriza, o discurso do declínio, mas, na linha de Foucault, o discurso da inquietude, uma inquietude que busca. Creio que é um discurso duplamente real, que corresponde ao que pensam e fazem os historiadores e que corresponde à nossa época. Gostaria, então, para terminar, de ler meia página da famosa introdução de *A arqueologia do saber*. Como Jacques Revel leu ontem o apóstrofo de Foucault a si mesmo, que era, evidentemente, um apóstrofo irônico. Aqui também é uma declaração irônica:

---

<sup>16</sup> Histoire et science sociale: un tournant critique. *Annales ESC*, 1988, p. 291-3.

*O que se lamenta [trata-se aqui dos historiadores que eles não julgam interessantes] é o uso ideológico da história, pelo qual se tenta restituir ao homem tudo o que, há mais de um século, continua a lhe escapar. Acumulamos todos os tesouros de outrora na velha cidadela desta história; acreditamos que ela fosse sólida; sacralizamo-la; fizemos dela o lugar último do pensamento antropológico; acreditamos poder aí capturar até mesmo aqueles que se tinham encarniçado contra ela; acreditamos poder torná-los guardiões vigilantes. Mas os historiadores desertaram há muito tempo dessa velha fortaleza e partiram para trabalhar em outro campo; percebe-se mesmo que Marx ou Nietzsche não asseguraram a salvaguarda que se lhes tinha confiado. Não se deve mais contar com eles para guardar os privilégios, nem para afirmar, uma vez mais - e, entretanto, só Deus sabe se se teria necessidade disso na aflição de hoje - que a história, pelo menos ela, é viva e contínua; que ela é, para o tema em questão, o lugar do repouso, da certeza, da reconciliação - do sono tranqüilizado.<sup>17</sup>*

---

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel. *L'Archéologie du savoir*, cit., p. 24. [*A arqueologia do saber*, cit., p. 17.]

Aquele foi e é, definitivamente, creio, o melhor conselho que Foucault, mestre da inquietude, deu e dá ainda aos historiadores. ■

**Abstract:** In this conference, Jacques LeGoff approaches Foucault's interests by the so-called "new history" in the 1965-1974 decade, when *The Order of Things* and *The Archaeology of Knowledge* were published. He appeals to his personal memory to show the reciprocal relations between Foucault and the *Annales* group. For both, the concept of genealogy, an historical investigation which leads from the present, is fundamental, and it was already in Marc Bloch's critic of the concept of origin. The new history can also be defined by the election of new objects, ignored by the traditional history. In this perspective, the history of mentalities is critically seen as a response to the traditional history of ideas. The concepts of long duration, global history and total history are briefly approached, too. For LeGoff, despite of the fact Foucault had never been a historian, he had always kept a great interest in the innovations of historical research, and left for the historians an important lesson: uncasiness.

**Uniterms:** Foucault, new history, *Annales*, genealogy, history of mentalities, history of ideas, philosophy of history, discontinuities.